

## MITO E FILOSOFIA NA LEITURA DE KATHRYN A. MORGAN

José Beluci Caporalini<sup>1</sup>

**RESUMO:** O pensamento expresso por Platão foi, e continua sendo extremamente importante para o mundo Ocidental. O seu pensamento metafísico, religioso, ético, político, teológico e estético deixou uma marca profunda e foi, via platonismo, o referencial que mais impôs uma marca na teologia cristã. Platão foi um racionalista de marca maior, a saber, com ele o pensamento chega a píncaros intelectuais poucas vezes igualados, se igualados: a razão é explorada por ele em todos os seus meandros e desdobramentos até um ponto em que parece impossível seguir-se adiante. Contudo, quando Platão chega ao máximo das possibilidades racionais, com a teoria das Idéias, particularmente com a Idéia de Bem, eis que ele parece titubear e apela para o mito. Por que é que a epistemologia racional não pode ser a única na explicação última da realidade? Afinal, um único aspecto, o racional, basta ou não para ler a realidade em sua profundidade mais íntima? O objetivo deste artigo consiste em examinar o vínculo filosofia e mito, especialmente em Platão; a metodologia utilizada para a elaboração do mesmo consiste no exame crítico do livro *Myth and Philosophy from the Presocratics to Plato* de Kathryn A. Morgan. Os resultados aos quais o autor chegou são os seguintes: há, segundo a autora do livro examinado, uma verdadeira interpenetração entre o mito e a filosofia nos pré-socráticos, sofistas e, especialmente em Platão; que o mito não é e nem pode ser tratado simplesmente como o outro da filosofia, ao lado e oposto a esta e, resultado final: que esta tese, por mais instigante que seja, traz sérios problemas de ordem epistemológica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metafísica; Mito filosófico; Mito platônico.

### 1 INTRODUÇÃO

Este artigo, fruto parcial da pesquisa elaborada pelo autor do mesmo e intitulada O problema do mito nos diálogos platônicos, procura expor e analisar criticamente o essencial do pensamento de Kathryn A. Morgan sobre o mito e filosofia, expresso em seu livro *Myth and Philosophy from the Presocratics to Plato*. Desde o começo de seu livro ela afirma que o mito não só não é o “outro” da filosofia, como está incrustado no coração da mesma, ao menos dos pré-socráticos a Platão. Prova disto é que os filósofos desta época fizeram uso do mito, ainda que o tivessem combatido. Ela leva em conta as dúvidas expressas por Platão no *Fedro*, 274d-275b, e na *Sétima Carta* sobre a capacidade da linguagem expressar com propriedade o pensamento filosófico.

Morgan não parte da oposição mito-logos, considerando aquele inferior a este. Ela começa o seu livro afirmando que, após principiar como o “outro” rejeitado da filosofia, o mito toma o seu lugar no coração do processo filosófico nos trabalhos dos pensadores que ela estuda.

Ela mostra que os mitos de Parmênides e de Platão e outros filósofos receberam pouca atenção, seja de eruditos da filosofia como do mito. Tanto é assim que a grande literatura sobre o relacionamento mito-filosofia é quase que incipiente.

Contudo, é um fato que praticamente do começo até Platão inclusive, os filósofos fizeram uso do mito, ainda que o combatessem. No início de seu livro ela já começa a

---

<sup>1</sup> Prof. de Filosofia Antiga do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Maringá, PR. [jcaporalini@gmail.com](mailto:jcaporalini@gmail.com)

elaborar a sua tese do mito filosófico. Ela afirma que, mais que incompatibilidade do mito com a filosofia, o que há é o ponto de vista dos filósofos, segundo o qual o discurso filosófico deve ter autoridade, ser claro e apresentar uma linguagem que corresponda ao modo como as coisas são (MORGAN, 2000, p.4). Mas, por outro lado, o mito mostra que não se deve ter uma visão tão otimista e cândida sobre o sucesso de tal empreendimento (MORGAN, 2000, p. 17). Morgan, diferentemente de outros eruditos platônicos leva em conta as dúvidas expressas por Platão no *Fedro*, 274d-275b, e na *Sétima Carta* sobre a capacidade da linguagem expressar com propriedade o pensamento filosófico.

Ela afirma que o uso filosófico do mito pelos pré-socráticos entre os quais Xenófanes, Heráclito, Empédocles e Parmênides representa o seu interesse em examinar e resolver, se possível, o fosso entre a linguagem e a realidade e os limites do conhecimento humano, cada qual a seu modo, claro. Daí o seu vão ataque à tradição poética. Ela procura no geral evitar polêmicas. Focaliza aspectos linguísticos e epistemológicos; os aspectos éticos, apesar de sua importância, não é objeto imediato de sua análise.

A abordagem de Morgan é bem equilibrada no geral ainda que as suas observações sobre o mito nunca tragam uma definição do que ele seja, e isto apresenta alguns limites, questões e problemas. O que é, afinal, o mito filosófico? Ou qual material mitológico cujo uso no contexto filosófico constitui um mito filosófico? Isto se agrava um pouco porque certamente “mito” às vezes muda de significado entre os pré-socráticos. Em relação aos sofistas ela afirma que os mesmos manipulam o sentido do mito perante as suas audiências. No entanto como ela não dá uma clara definição do mito e como este é compreendido, a sua análise poderia ser enriquecida mais ainda se houvesse uma definição ou aproximação um pouco mais clara do que ela realmente entende por mito. Entretanto, ela está bem consciente da problemática (MORGAN, 2000, p. 164).

Na segunda parte de seu livro analisa as complexidades do mito platônico, ao abordar as funções do mito em seus diálogos. Segue a classificação de Frutiger que classifica os mitos em tradicionais, educacionais e filosóficos. (Aliás, ela cita este autor muitas vezes em seu trabalho, mas, curiosamente, o seu nome não aparece nenhuma vez no índice geral.) Os mitos tradicionais, especialmente os homéricos e hesiódicos, são o alvo da crítica platônica (*Rep.* II, III, X). Os mitos educacionais platônicos são construção de Platão (*Rep.* VII) através dos quais, ele, Platão, apresenta exemplos de lições éticas ou a natureza de coisas que estão além do conhecimento humano, tais como o passado longínquo e a natureza da alma. Também através dos mitos educacionais é que o leitor é persuadido das idéias moralmente aceitas, como a imoral “Mentira Nobre” de *A República*, III 414b-c. Já em relação ao mito filosófico o mesmo alcança o seu poder intelectual ao encorajar a reflexão metodológica e a consciência a respeito da condição do discurso filosófico. É precisamente esta qualidade de estímulo ao questionamento que o distingue do mito educacional, imposto àqueles que não são filósofos (MORGAN, 2000, p. 164). E com isto ela contribui com uma idéia importante, ou seja, que a condição de qualquer mito depende não tanto do seu conteúdo, quanto do contexto em que ocorre.

Em Platão, como se sabe, mais que mitos educacionais há o que Morgan chama de mitos filosóficos. Mas ao não especificar os critérios para o conteúdo do mito, ela na prática dá uma definição implícita de mito como narrativa sobre o sobrenatural ou o passado longínquo. Isto, entretanto, não diz tudo, uma vez que há narrativas e alusões em seus diálogos que são míticas ou, ao menos que podem ser tratadas como tais. Mas, como já assinalado, a atenção que ela chama sobre a função do mito específico no contexto do diálogo em que ele ocorre é uma grande contribuição.

Para ela todas as narrativas filosóficas são passíveis de revisão à luz de investigações futuras (MORGAN, 2000, p. 174). Isto quer dizer que não se pode ignorar e rejeitar a condição do mito nos diálogos platônicos, pois até mesmo os mais bem elaborados argumentos dialéticos presentes nos diálogos platônicos são provisionais.

Portanto, ela rejeita aqui em poucas palavras as teorias que afirmam que a dialética platônica é uma forma estável de argumento em face do discurso não verificável do mito. Para não deixar qualquer lugar a dúvidas sobre eventuais defensores da tese do mito filosófico ela adverte contra a noção segundo a qual a dialética é em princípio incapaz de justificar axiomas filosóficos ou que o mito possa ser um substituto satisfatório da dialética (*Rep.* 509d1-511e5).

Em relação à natureza e destino da alma no *Górgias*, no *Fédon* e na *República* e no *Fedro* ela faz uma breve análise dos três e então uma discussão um pouco mais extensa do *Fedro* e afirma que o mito, a dialética, e a retórica através das quais são apresentados não são apenas praticados, mas tematizados (MORGAN, 2000, p. 210). A dialética é o caminho longo e divino cujo percurso é sempre seguro, enquanto o caminho do mito apresenta uma rota mais curta, porém arriscada. Aos poucos, particularmente em sua análise do *Fedro*, ela deixa claro, ao examinar o conteúdo e natureza da alma, que o mito platônico não é apenas religioso, mas, sobretudo filosófico. Os mitos platônicos, com efeito, não são apenas metafísicos, expressões de intuições inefáveis, eles estão inseridos neste diálogo para expressarem o método filosófico e mostrarem como o filósofo deve filosofar.

A pesquisadora conclui o seu livro examinando brevemente a idéia segundo a qual “o mito deve ser salvo”, provérbio que ocorre em alguns dos diálogos platônicos. Segundo ela o significado é o seguinte: tanto o argumento mítico quanto o dialético, devem ser levados às últimas consequências; devem ser completados; o pensamento tem que ser seguido até o fim, de modo que a narração possa preservar-nos. E é isto o que ela procura fazer em seu livro levando-o até às últimas consequências e conclusões ao realçar a importância do mito dentro do projeto filosófico platônico.

Ela mostra que o filósofo de Atenas se depara com a impossibilidade de a linguagem poder expressar adequadamente a natureza da realidade das Idéias. As Idéias que, segundo sua teoria, se encontram além, muito além do mundo sensível. Mas é aí que ele usa o mito, como também usa a forma do diálogo, para mostrar a imperfeição e provisoriedade de todo tipo de pensamento.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

O material usado durante esta pesquisa, ainda em andamento, foi o livro de Kathryn A. MORGAN, *Myth & philosophy: from the Presocratics to Plato*. O método utilizado foi uma análise crítica, meticulosa e comparativa do mesmo com os diálogos de Platão aos quais o referido livro faz referência.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados a que se chegou são apresentados e discutidos neste momento. Há uma tese nova apresentada pela autora do livro, qual seja, o mito não é visto como o “outro” da filosofia, diverso e em oposição à mesma. Não, não é nada disto. O mito, é o resultado a que ela chega, é apresentado como essencial ao discurso filosófico, inserido, incrustado, como ela gosta de afirmar, dentro do mesmo. Não é superior ao discurso dialético, mas a este também não é inferior. Não substitui aquele; não toma o seu lugar, mas também não pode ser de modo algum deixado de lado na compreensão do discurso filosófico. Isto, como se sabe, é radicalmente novo dentro da literatura crítica que aborda tal temática e tem e trará grandes implicações de ordem epistemológica.

## **4 CONCLUSÃO**

A quais conclusões se chegou neste artigo: que a Srta. Morgan apresenta em seu livro a tese segundo a qual o mito está inserido essencialmente no discurso filosófico, ao menos nos diálogos platônicos. Que há, segundo a autora do livro examinado, uma verdadeira interpenetração entre o mito e a filosofia nos pré-socráticos, sofistas e, especialmente em Platão. Que o mito não é e nem pode ser tratado simplesmente como o outro da filosofia, ao lado e oposto a esta. Esta tese é discutida pelo autor deste artigo que vê sérias implicações de ordem epistemológica. O artigo é concluído mostrando-se que esta é uma tese nova, nunca previamente discutida e apresentada pela literatura especializada. Mostra, finalmente, que o livro dela será de uma grande contribuição à literatura erudita que aborda a temática do mito relacionado à filosofia.

## REFERÊNCIAS

- CAPORALINI, José Beluci. Mythos e lógos: ruptura ou continuidade? Algumas considerações a partir da cosmovisão de Hesíodo. *In*: OLIVEIRA, Terezinha e VISALLI, Angelita Marques. (Orgs.). *Ética e educação: ética e ação política na Antigüidade e Idade Média*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007. p. 91- 106.
- DROZ, Geneviève. Trad. Maria Auxiliadora Ribeiro Keneipp. *Os mitos platônicos*. Brasília: UnB, 1998.
- FRÄNKEL, Hermann Ferdinand. *Poesía y filosofía de la Grecia arcaica: una historia de la épica, la lírica y la prosa griegas hasta la mitad del siglo quinto*. Traducc. Ricardo Sánchez Ortiz de Urbina. 2.ed. Madrid: Machado Libros, 2004. (La balsa de Medusa, 63)
- HATAB, Lawrence J. *Myth and philosophy: a contest of truths*. LaSalle: Open Court, 1990.
- HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Roswitha Kempf, 1984.
- HOMERO. *A Ilíada*. Trad. de Fernando C. de Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Ediouro, SD. (Coleção Universidade de Bolso)
- \_\_\_\_\_. *A Odisséia*. Trad. de Fernando de C. Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Ediouro, SD. (Coleção Universidade de Bolso)
- MORGAN, Kathryn A. *Myth & philosophy: from the Presocratics to Plato*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- PLATON. *Obras completas*. Traducc. Maria Araujo *et al.* 2. ed. Madrid: Aguilar, 1981. (Colección Grandes Culturas)
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito & pensamento entre os gregos*. Trad. Haiganuch Sarian. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.